

AS VISÕES DE LÍNGUA, SUJEITO E SALA DE AULA DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA

Ádini Leite Nunes THURCK
(Universidade Federal de Viçosa)
adini_thurck@hotmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é comparar as visões de língua, sujeito e sala de aula de professores de língua inglesa graduados ou não graduados em Letras, para verificar se tendo formações acadêmicas distintas eles possuem visões diferentes. Foram utilizadas abordagens de Saussure (1995), Bakhtin (2006), Charaudeau (2001) e Marcuschi (2008). Os resultados mostram que enquanto os professores de língua inglesa graduados em Letras entendem a língua como uma prática social, compartilhada por sujeitos heterogêneos que interagem na sala de aula, os não graduados em Letras adotam uma perspectiva estruturalista de língua, com sujeitos homogêneos e a sala de aula como espaço de transmissão de conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: língua; sujeito; sala de aula; formação de professores.

ABSTRACT: The aim of this paper is to compare the views on language, subject, and classroom of English teachers who are graduated or non-graduated in Language Studies, in order to verify whether they have different views due to their different academic backgrounds. Approaches by Saussure (1995), Bakhtin (2006), Charaudeau (2001), and Marcuschi (2008) were used. The results show that as the English teachers graduated in Language Studies see language as a social practice, shared by heterogeneous subjects interacting in the classroom, those who are not graduated in Language Studies adopt a structuralist view on language, with homogeneous subjects and the classroom as an environment for knowledge transmission.

KEYWORDS: language; subject; classroom; teachers training.

Introdução

No processo de ensino e aprendizagem de línguas vários aspectos precisam ser levados em conta pelo professor. Um desses aspectos diz respeito à visão de língua, sala de aula e sujeito que o professor tem. Refletir acerca dessas visões pode auxiliar o professor a oferecer ao aluno a oportunidade de fazer um uso efetivo da língua.

O conceito de língua é compreendido sob diferentes ângulos teóricos. Marcuschi (2008: 59) cita algumas posições: 1) língua "como forma ou

estrutura”, a visão de Saussure; 2) língua “como instrumento”, apenas transmissora de informações; 3) língua “como atividade cognitiva”, voltada para expressão de pensamento; e 4) língua “como atividade sociointerativa situada”, a perspectiva de Bakhtin.

Saussure (1995), ao discutir esse conceito, entende a língua como um sistema abstrato de formas e regras, estático e homogêneo. Percebemos a despreocupação com o uso da língua e com as condições de produção. Diante dessa perspectiva, o sujeito é um ser autônomo, cartesiano e a-social. Já Bakhtin (2006), diferentemente de Saussure (1995), entende a língua como uma prática social que não pode nunca ser desvinculada do sujeito e das condições de produção. É encarada pelo autor como algo heterogêneo, instável e sócio-histórico. O sujeito é visto por Bakhtin (2006) como híbrido, social, histórico, clivado.

A Análise do Discurso francesa (AD francesa) pode trazer algumas considerações interessantes para o ensino e aprendizagem de línguas, uma vez que sua visão de linguagem nos remete à visão sócio-interacionista de Bakhtin, a linguagem como prática social, realizando-se na interação verbal, em determinada situação de uso, entre os sujeitos heterogêneos, cindidos, sociais e históricos. Cardoso (2005: 11), ao discutir as contribuições da AD para o ensino de línguas, explica que:

A primeira e maior dentre as contribuições da AD para o ensino é fazer compreender que a linguagem, por realizar-se na interação verbal entre locutores socialmente situados, não pode ser considerada independente da sua situação concreta de produção.

Se pensarmos no ambiente da sala de aula de línguas sob uma perspectiva de língua e de sujeito vinculada a Saussure, temos um ambiente em que o ensino da língua é focado no ensino de estruturas e regras, desvinculado do propósito de uso dessa língua. Se levarmos em consideração o conceito citado por Marcuschi (2008) de língua como instrumento, temos uma sala de aula onde professor transmite informações, conhecimento da língua ao aluno, sendo desconsiderada, então, a interação entre esses sujeitos. E, levando-se em conta o conceito de língua e sujeito de Bakhtin, podemos pensar na sala de aula de línguas como um ambiente de interação entre sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Outra questão relativa ao ensino de línguas diz respeito à formação do professor. Um professor formado em Letras e Licenciatura passa por todo um processo de preparação e recebe suporte teórico para tornar-se apto a ensinar. Assim, conceitos importantes que devem ser levados em conta na sala de aula, como linguagem, sujeito e o ambiente sala de

aula são trabalhados ao longo do curso de Letras, em várias disciplinas cursadas. Porém, nos dias atuais, muitos dos professores que lecionam em cursos privados de idiomas não são formados em Letras e não recebem, assim, o mesmo suporte prático e teórico de professores formados em Letras. Isso pode acarretar diversas consequências negativas em turmas cujos professores não tiveram uma formação voltada para o ensino e aprendizagem de línguas. Dependendo do conceito de língua seguido pelo professor, o ensino e aprendizagem pode se transformar em um processo não efetivo. Como ressalta Paiva (2005):

A predominância do conceito de língua como um conjunto de estruturas sintáticas isoladas de seus contextos de uso tem como consequência um ensino que sonega dos aprendizes práticas sociais de linguagem autênticas e significativas.

Assim, diante das perspectivas explicitadas acerca de língua, sujeito e sala de aula, e diante da importância que essas visões têm no ensino e aprendizagem de línguas, faz-se necessário investigar esses conceitos no discurso de professores de língua inglesa (LI), graduados e não graduados em Letras. Desse modo, o objetivo deste trabalho é identificar esses conceitos nos discursos de quatro professores de LI de um curso de idiomas privado e, a partir dessa identificação, comparar as perspectivas dos dois professores de LI graduados em Letras e dos dois professores de LI não graduados em Letras, com o intuito de verificar se, por terem formações acadêmicas distintas, possuíam ou não conceitos diferenciados. Para atingir tal objetivo, foram analisados questionários abertos, respondidos pelos participantes, abrangendo perguntas relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas, aos papéis do professor e do aluno, e ao conceito de sala de aula. A análise foi realizada a partir das abordagens de língua e sujeito de Saussure (1995), Bakhtin (2006), Charaudeau (2001) e Marcuschi (2008).

Os participantes da pesquisa são professores de LI com formações distintas, em universidades distintas: a) o professor 1 (P1) tem 26 anos, é graduado em Letras há 4 anos e possui 4 anos de experiência com ensino de LI; b) o professor 2 (P2) tem 34 anos, é graduado em Letras há 8 anos e possui 10 anos de experiência com ensino de LI; c) o professor 3 (P3) tem 24 anos, é graduado em Comunicação há 1 ano e possui 2 anos de experiência com ensino de LI; e d) o professor 4 (P4) tem 30 anos, é graduado em Engenharia de Agrimensura há 4 anos e possui 3 anos de experiência com ensino de LI.

Este trabalho pode auxiliar professores de línguas a se conscientizarem acerca da importância e da influência de suas visões na sala de aula de línguas, e, também, pode ser útil para o entendimento e postura dos alunos com relação à língua e ao seu uso.

1. Conceito de língua e sujeito e as diferentes abordagens

Abordar o conceito de língua pode não ser uma tarefa tão simples, uma vez que várias são as perspectivas adotadas em relação a esse conceito. Três dessas perspectivas serão aqui trabalhadas e desenvolvidas devido à relevância dessas para o objetivo do estudo proposto. Do mesmo modo, o sujeito é compreendido sob diferentes perspectivas, dependendo da abordagem teórica em questão.

Sob a visão estruturalista de Saussure (1995: 17), a língua é vista como “um todo por si e um princípio de classificação” ou ainda “[...] de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. Percebemos, assim, o forte caráter formal, homogêneo e essencialista dado por Saussure à língua. Ela seria um sistema de regras, imutável, instável. No ensino de línguas, adotar essa perspectiva de Saussure (1995) seria abordar dentro de sala aspectos extremamente gramaticais e formais. O autor, ao defender a dicotomia língua × fala, explica que a primeira é social e a segunda individual. Desse modo, ambas podem ser estudadas e consideradas separadamente, sendo a língua exterior ao indivíduo e a fala interior. Saussure ainda delega à língua a função de exprimir ideias, como um produto da fala. Nessa perspectiva, o contexto de uso e as condições de produção são desconsiderados. Cardoso (2005: 10) resume a abordagem estruturalista saussuriana explicitando que ela “prioriza o sistema linguístico sincrônico em detrimento dos fatores ligados à enunciação e à realidade social, e fazem da língua um mero instrumento de comunicação”. O sujeito, na visão de Saussure, constitui-se como centrado, homogêneo, monolítico, a-social.

A visão de Bakhtin (2006) claramente se opõe à visão de Saussure. Ao defender que a interação verbal é o que define a língua, Bakhtin propõe que a língua é interativa, social, que constitui e é constituída pelos sujeitos sócio-históricos. De acordo com o autor, a língua, além de ser um sistema de formas, também é uma prática social. A situação de uso é considerada essencial na interação verbal entre os sujeitos. Nessa visão, a língua é vista como diacrônica (e não sincrônica, como coloca Saussure), ou seja, ela muda ao longo do tempo, não é estática e nem imutável. Do ponto de vista dessa abordagem de Bakhtin, o ensino da língua não envolveria simplesmente o foco exclusivo na forma, mas,

também, o trabalho com a língua em funcionamento, considerando as diferentes práticas sociais de uso. Contrapondo o sujeito de Saussure, Bakhtin toma o sujeito como híbrido, descentrado, social e histórico. Ele está imbricado no meio social, constitui-se pela e na interação verbal. Ao discutir o sujeito na visão de Bakhtin, Araújo (2006: 69) afirma que o que é defendido "é o inacabamento do sujeito, a ideia do sujeito que não se determina sozinho, mas sim pelo entrecruzar do seu social e da sua própria atuação nesse social". O autor ainda acrescenta que a noção de sujeito como "agente modificador do seu meio" é necessária ao se pensar o professor de línguas, que é "reflexo de um social" (ARAÚJO, 2006: 70). Com isso, percebemos que o professor e o aluno são sujeitos sociais em constante interação na sala de aula, um agindo sobre o outro.

Marcuschi (2008: 64) compartilha com Bakhtin sua noção e explica que:

A língua é vista como uma atividade, isto é, uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica; [...] é um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas; [...] não é um simples código autônomo, estruturado como um sistema abstrato e homogêneo, preexistente e exterior ao falante, sua autonomia é relativa.

Ao conceituar língua, Cardoso (2005: 11) ressalta que:

[...] a linguagem enquanto discurso materializa o contato entre o linguístico (a língua enquanto um sistema de regras e de categorias) e o não linguístico (um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos), por meio de sujeitos interagindo em situações concretas.

A AD francesa também trabalha com uma visão de língua interativa e social. Essa filiação lida com uma língua em funcionamento, que é compartilhada pelos indivíduos, que em interação fazem dela não meramente um instrumento, mas um meio de agir, produzir sentidos (CHARAUDEAU, 2001). Nessa abordagem, o sujeito também é visto como descentrado, heterogêneo, indissociável das práticas sociais, do meio social.

Com base nas perspectivas expostas, este trabalho toma como conceito de língua o conceito de Bakhtin de que essa é uma prática social, determinada pela interação verbal entre sujeitos sociais que são

históricos, heterogêneos, ideológicos, descentrados e indissociáveis do meio social e da língua em uso.

2. Conceito de sala de aula

A forma como o professor de línguas compreende a noção de língua e sujeito pode influenciar na forma como ele concebe a sala de aula. Assim, com base nas visões anteriormente explicitadas (língua como sistema de signos, como instrumento; língua como interação verbal e social), a sala de aula de línguas pode ser entendida tanto como um ambiente homogêneo, fechado, apenas como lugar de transmissão de conhecimento, como um ambiente heterogêneo, marcado pela troca de informações e conhecimento, composto por sujeitos sociais em constante interação.

Se tomarmos a visão estruturalista de Saussure, a sala de aula passa a ser vista como um local onde ocorre um "ensino de caráter essencialista, conteudista e tecnicista" (CARDOSO, 2005: 9). Um local onde não existe uma interação, onde o professor transmite informações ao aluno. Segundo Souza (1995: 21):

Na sala de aula tradicional, de cunho saussuriano, tanto os conteúdos quanto a metodologia são vistos como imutáveis, fixos e estáveis. Os conteúdos – a gramática, seja ela tradicional ou comunicativa – são pré-estabelecidos, de forma unilateral, pelo professor ou pela instituição, independente de qualquer grupo específico de aprendizes.

A partir da noção de língua como prática social, determinada pela interação verbal entre sujeitos híbridos, sociais e históricos, podemos encarar a sala de aula como um ambiente de troca de informações, onde ambos os sujeitos, professor e aluno, estão em interação, um aprendendo com o outro. A sala de aula sob essa visão seria um espaço marcado pela heterogeneidade, visto como um ambiente social onde tanto professor como aluno são construtores de conhecimento. Cardoso (2005: 53) ressalta que a sala de aula não pode ser concebida "só como um espaço reprodutor, mas também transformador de sentidos e de sujeitos; um verdadeiro espaço de interação".

Em face ao exposto acerca do conceito de sala de aula, este trabalho compreende esse espaço em que ocorre o ensino e aprendizagem de línguas como um ambiente de interação, onde não somente é focada a forma linguística, mas, também, as práticas de uso da língua e suas diferentes situações de uso.

3. Análise das visões dos professores de LI graduados em Letras

Para a execução da análise das visões dos professores de LI graduados em Letras foram extraídos trechos das respostas dos professores nos questionários abertos. O questionário foi constituído por cinco perguntas, que foram elaboradas levando-se em consideração o objetivo da pesquisa de investigar as visões de língua, sujeito e sala de aula de professores de LI. As perguntas foram as seguintes: 1) "Na sua opinião, o que significa ensinar uma língua estrangeira?"; 2) "Quais aspectos você acredita estarem envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas?"; 3) "Como você vê a sala de aula?"; 4) "Para você, qual o papel do professor na sala de aula? E o do aluno?"; 5) "Como você define 'aluno'?".

Com relação ao conceito de língua na perspectiva dos professores graduados em Letras, podemos perceber que ambos enxergam a língua não somente como um sistema de regras e signos, mas, também, como um meio de comunicação, que envolve o uso da língua e o contexto de produção:

Acredito que ensinar uma língua estrangeira é usar os elementos formais – ensino de gramática, vocabulário, exercícios de leitura – como instrumento para alcançar um fim: o uso dessa língua como meio de comunicação e interação. O aluno deve aprender a língua de tal maneira a saber usá-la em todo tipo de situação. (Professor 1 – P1)

Nesse trecho, P1 mostra claramente que tanto o ensino formal da língua como a língua como prática social e interativa são importantes para a sala de aula. O informante defende que o aluno, além de saber a estrutura, também precisa saber usar a língua em diferentes situações, o que nos leva a considerar que esse professor não considera a língua apenas um sistema fechado de regras, estruturas, mas, ainda, como palco para a interação entre sujeitos, em diferentes contextos. P1 deixa explícito que:

A associação do estudo formal da língua e a tentativa de aplicabilidade do mesmo em situações que sejam o mais próximo do real são de fundamental importância no ensino de uma língua estrangeira. (P1)

O aluno deve tentar ao máximo estender esse espaço para a prática da língua – buscar possibilidades de usar essa

língua estrangeira fora da sala de aula é o caminho para o sucesso na aprendizagem dessa língua. (P1)

Notamos no discurso desse professor sua preocupação em relação ao funcionamento da língua, ou seja, sua preocupação com a necessidade de os alunos não somente aprenderem as formas, mas, também, a fazer uso efetivo da língua em diferentes contextos de produção.

P2 também adota a visão de língua de Bakhtin, ao afirmar que a língua oferece aos indivíduos uma nova maneira de se comunicar e interagir. P2 também entende que é necessário um estudo mais formal da língua, para que então se possa colocá-la em funcionamento:

Para mim, ensinar uma língua estrangeira é apresentar aos alunos uma nova maneira de se comunicar e de se relacionar com outras pessoas de outras culturas. É ensinar aos alunos como utilizar a língua, a partir dos conteúdos abordados em sala. É mostrar ao aluno que, a partir da estrutura da língua, ele pode utilizar aquela língua como meio de comunicação e de inserção em determinado contexto. (P2)

Com relação à visão de sujeito adotado pelos professores, percebemos que ambos entendem professor e aluno como sujeitos sociais, que estão em constante interação na sala de aula. Tanto P1 quanto P2 citam que professor e aluno formam juntos o ambiente da sala de aula:

Somente com a interação entre professor e aluno é que o processo de ensino e aprendizagem passa a existir. (P1)

Professor e aluno trabalham sempre juntos. (P2)

Assim, temos a noção de sujeito citada por Araújo (2006), de um sujeito inacabado, que somente se determina ao interagir com o outro, em determinado meio social. Percebemos claramente a partir das respostas dos professores 1 e 2 a questão da interação, eliminando a visão de sujeitos passivos, centrados e homogêneos.

Em relação ao ambiente sala de aula, os dois professores formados em Letras abordaram a ideia de espaço de interações entre os sujeitos, compatível com as teorias de Bakhtin e com a visão de Cardoso (2005):

A sala de aula representa um espaço de interação entre aluno e professor e alunos entre si. (P1)

Vejo a sala de aula como o lugar em que deve ocorrer a interação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem. (P2)

A sala de aula é entendida por eles como um lugar onde os sujeitos professor e aluno interagem para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivo.

4. Análise dos conceitos dos professores de LI não graduados em Letras

Ao analisar as considerações dos professores de LI não graduados em Letras, percebemos uma grande diferença de visões e perspectivas em relação aos conceitos de língua, sujeito e sala de aula dos professores de LI graduados em Letras.

Em relação à visão de língua, o que prevaleceu foi a noção de que ensinar uma língua estrangeira significa ensinar sua estrutura formal, como percebemos nos seguintes excertos:

Ensinar aspectos relacionados a gramática, vocabulário, pronúncia e também aspectos orais relacionados a língua. (P3)

Ensinar uma língua estrangeira é transmitir novos conhecimentos sobre como utilizar as regras e novas palavras com o objetivo de ler, ouvir e falar essa língua. (P4)

Nesses dois excertos, notamos o grande caráter estruturalista da visão de língua dos dois pesquisados. P3, ao comentar sobre aspectos da gramática, vocabulário, pronúncia e aspectos orais, deixa de lado o uso da língua, em diferentes situações. P4, do mesmo modo, nos remete à questão da língua como sistema de regras, e também não leva em consideração a interação verbal entre sujeitos sociais e a heterogeneidade como aspectos constitutivos da língua.

No que diz respeito à visão de sujeito, notamos que os dois professores adotam a perspectiva de sujeitos unilaterais, desvinculados do meio social, participantes de uma relação dicotômica, onde o professor transmite o conhecimento da língua ao aluno. Essas perspectivas se opõem ao que defendem Charaudeau (2001), Cardoso (2005), Araújo (2006), Bakhtin (2006) e Marcuschi (2008), como notamos nos seguintes trechos:

O professor é a pessoa responsável pela transmissão de conhecimentos aos interessados. (P3)

O aluno é a pessoa que se mostra disposta adquirir novos conhecimentos através do professor. (P3)

Ao aluno cabe a função de absorver os conhecimentos e informações transmitidos eficazmente. (P3)

O professor tem o papel de passar seu conhecimento linguístico ao aluno. E o aluno aprende e internaliza esse conhecimento. (P4)

O aluno é aquele que tem o objetivo de aprender novos conhecimentos relacionados à língua estudada. (P4)

Por meio desses excertos, observamos que ambos os professores, P3 e P4, desconsideram uma interação entre os sujeitos professor e aluno, deixando de lado o fato de que tanto um como o outro podem produzir conhecimentos, sentidos e experiências. De acordo com esses professores, os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas se determinam sozinhos, independente do meio social. Outro aspecto interessante, diz respeito ao “conhecimento linguístico” mencionado por P4, mostrando que para ele esse é o tipo de conhecimento que o professor deve oferecer ao aluno.

Ambos os pesquisados adotam uma visão fechada de sala de aula, um lugar de transmissão e recepção de conhecimentos e não um lugar de interação, contrapondo o que defende Cardoso (2005). Para os professores:

A sala de aula é o lugar onde o professor oferece conhecimento sobre a língua e sua estrutura. (P3)

A sala de aula é onde a aquisição de novos conhecimentos ocorre. (P4)

Ao abordarem o conceito de sala de aula, mais uma vez a visão estruturalista ficou em evidência.

Considerações finais

Com base nos trechos explicitados e analisados, fica evidente que ambos os professores de LI graduados em Letras compartilham a visão de língua e de sujeito de Bakhtin e encaram a sala de aula não como um

espaço onde existe uma relação dicotômica, onde somente o professor transmite conhecimento e o aluno o internaliza, mas um espaço onde existe uma relação contínua, não dicotômica, em que tanto o professor como o aluno produzem conhecimentos, trocam experiências, vivem em constante interação.

Por outro lado, os professores de LI não graduados em Letras adotam uma visão oposta, percebendo a língua como um sistema de regras, fechado e homogêneo. O sujeito, diferentemente dos professores de LI graduados em Letras, é entendido por esses professores como um sujeito homogêneo, que não precisa do outro e nem do meio social para se determinar. E, dessa maneira, a sala de aula passa a ser vista por esses professores como um mero espaço de transmissão e aquisição de conhecimento, desconsiderando, assim, a visão interativa de Bakhtin.

A partir dessas análises, reconhecemos a necessidade de professores de LI terem uma formação acadêmica em Letras, que os forneça suporte teórico-prático para estarem aptos a ensinar e adotar conceitos que favoreçam as práticas sociais e o uso da língua em sala de aula.

Diante de toda a discussão teórica abordada e também diante das análises acerca dos discursos dos professores de L1, remetemos a Cardoso (2005: 10), que faz um interessante comentário sugerindo que é preciso que os professores de línguas modifiquem suas concepções de "linguagem e de ensino/aprendizagem", que eles entendam "que a linguagem é um modo de produção social, envolvendo interlocutores e contexto, e que a sala de aula é um lugar privilegiado dessa produção".

Portanto, para se alcançar um ensino mais efetivo da língua, é necessário que o professor priorize as práticas de uso da língua, incentive os aprendizes a conceber a língua não como um simples instrumento, mas como um meio social de agir, de produzir sentidos e experiências.

Referências

ARAÚJO, N. M. A noção de sujeito e a constituição identitária do professor de línguas. In: BERTOLDO, E. S.; MUSSALIM, F. *Análise do discurso: aspectos da discursividade no ensino*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

BAKHTIN, M. *Marxismo e a filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CARDOSO, S. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, H. et al. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 23-37.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PAIVA, V. L. M. O. A linguagem como gênero e a aprendizagem de língua inglesa. 2005. Disponível em: <www.veramenezes.com/lingenero>. Acesso em: 20 jun. 2010.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SOUZA, L. M. T. M. O conflito de vozes na sala de aula. In: CORACINI, M. J. (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. Campinas: Pontes, 1995. p. 21-26.